



Comunicação de  
Pesquisa

Estrabão

Vol. (4): 213-226

©Autores

DOI: 10.53455/re.v4i.98



Recebido em: 17/07/2023

Publicado em: 30/11/2023

# O app Google Earth, o ensino de geografia e crianças em processo de alfabetização: A geografia das infâncias

## The Google Earth app, geography education, and children in literacy process: The geography of childhood

Auriceli Suzano <sup>1A</sup>

### Resumo:

**Contexto:** Este trabalho apresenta um relato de experiência em sala de aula, com crianças de 06 (seis) e 07 (sete) anos, onde o aplicativo Google Earth foi utilizado para demonstrar o uso de conhecimentos geográficos de forma significativa e espontânea no cotidiano dos alunos. **Metodologia:** O passo a passo desde a chegada na escola até o momento da utilização do aplicativo é descrito, incluindo a frustração inicial em não conseguir utilizá-lo na primeira aula e as dificuldades de acesso necessárias. As falas das crianças e suas reações ao acompanhar e visualizar as imagens no aplicativo Google Earth durante a aula também são transcritas. Além disso, são apresentadas as atividades de desenho das crianças que expressam as suas vivências espaciais. **Considerações:** O trabalho defende a possibilidade e importância de desenvolver atividades que promovam a construção de ideias geográficas desde o ensino fundamental I, inclusive em turmas de alfabetização de crianças de 06 (seis) e 07 (sete) anos.

**Palavra-Chave:** Ensino de Geografia, Alfabetização, TDIC na sala de aula.

### Abstract

**Context:** This work presents a report of experience in the classroom, with children aged 06 (six) and 07 (seven) years old, where the Google Earth application was used to demonstrate the use of geographical knowledge in a meaningful and spontaneous way in students' daily lives. **Methodology:** The step-by-step process from arriving at school to the moment of using the application is described, including the initial frustration of not being able to use it in the first class and the necessary access difficulties. The children's speech and their reactions to following and visualizing the images in the Google Earth application during the class are also transcribed. In addition, the children's drawing activities that express their spatial experiences are presented. **Considerations:** The work defends the possibility and importance of developing activities that promote the construction of geographical ideas from elementary school, including literacy classes for children aged 06 (six) and 07 (seven) years old.

**Keyword:** Geography teaching, Literacy, ICT in the classroom.

<sup>1</sup> - Professora em rede pública municipal e estadual

A - Contato principal: [auriceli.profgeografia@gmail.com](mailto:auriceli.profgeografia@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Neste artigo apresento uma aula realizada com crianças em processo de alfabetização. As crianças são alunos da turma 101 que compreende o primeiro ano de escolaridade do Ensino Fundamental I, da Educação Básica. Os alunos têm 06 (seis) e 07 (sete) anos de idade, estudam no CIEP 220 Yolanda Borges que está localizado no 2º (segundo) Distrito do Município de Duque de Caxias, bairro Figueira no estado do Rio de Janeiro.

A aula realizada apresenta o aplicativo Google Earth para a turma 101, com as crianças em processo de alfabetização. A escolha do aplicativo Google Earth foi idealizada como proposta para atender ao momento suscitado. Pois nessa etapa o interesse era de sondagem, de buscar nas crianças sobre quais tipos de relações e conhecimentos elas se expressam sobre o espaço e lugar, como se utilizam de suas observações sobre o espaço e o lugar em que elas circundam, caminham e vivenciam entre o trajeto da escola até suas casas. Com o propósito de idealizar conhecimentos geográficos das crianças da turma 101, desejo defender que a geografia escolar tem importância desde os primeiros anos de escolaridade na vida humana. Acolho a argumentação da autora Canto (2018),

A Geografia tem um papel importante na construção da alfabetização cartográfica, na formação dos leitores do espaço cartográfico, fazer interpretação das linguagens do processo e os letramentos na cartografia, são conhecimentos pertencentes ao campo da Geografia. As tecnologias têm um papel de ressignificação dessas linguagens por facilitarem a entendimento da representação do espaço que vivemos, a visualização dos espaços, das imagens dos lugares de uma forma mais clara traz uma oportunidade para que os alunos e as crianças compreendam a linguagem cartográfica com um novo formato. Tais habilidades compreendem o campo de ensino de Geografia. (CANTO, 2018)

Com a aula foi possível fazer anotações, apontamentos, detectar os conhecimentos narrados pelas crianças sobre o espaço e o lugar onde elas interagem, como percebem os seus espaços por onde circulam, suas observações a respeito de elementos presentes e modificados nesse contexto, e dessa forma ter a possibilidade de dispor dessas inferências dentro da construção do processo de alfabetização pelas quais as crianças estão envolvidas nessa etapa da vida escolar, neste momento. Em consonância com Lopes (2009), compartilho do pensamento de que *o espaço das crianças é, portanto, um espaço geográfico, e pensar suas ações sobre este deve ser percebido nestas condições. A experiência sensorio-motora, a percepção ambiental não pode ser compreendida apenas como um conjunto de maturações e ações pela, mas sim com planos culturalmente construídos, em que o processo de mediação está sempre presente.*

Com atividades que estejam voltadas para o ensino de geografia das crianças, temos a possibilidade de interferir e mediar alguns conhecimentos da geografia trabalhando entre as crianças pequenas com a ideia de construção de alguns dos conceitos que são propriedades da geografia escolar. Na próxima sessão estarei descrevendo essa aula que consegui planejar e aplicar na turma 101, apesar de muitos percalços que encontramos quando queremos fazer aulas significativas com os nossos alunos dentro da escola pública.

## METODOLOGIA

Para a realização da atividade foi necessário disponibilizar a sala de vídeo da escola para usar a televisão, que tem tela ampla, o que era o meu interesse para que as crianças explorarem uma visão ampliada dos espaços disponibilizados no aplicativo. Precisei utilizar meus equipamentos pessoais: notebook, cabo hdmi, adaptador, celular, tablet e internet.

Iniciamos o dia 23 de junho de 2023 como sempre fazemos, formando a fila na quadra da escola quando toca o sinal às 7:30, nos encontramos na quadra e formamos, depois caminhamos até o refeitório para o desjejum junto com outras turmas que acompanham o café da manhã nesse horário durante o primeiro horário do desjejum da escola. Depois subimos a rampa do CIEP 220 até o segundo andar onde fica a sala da turma 101, a sala 11. Entramos na sala, as crianças escolhem a sua mesa, retiram a mochila das costas, penduram na cadeira

e se sentam, posteriormente nos cumprimentamos com a nossa música de bom dia. Iniciei a aula conversando com as crianças sobre a proposta de irmos para a sala de vídeo que havia sido agendada anteriormente, e após a conversa as crianças formaram em fila e fomos para a sala de vídeo para realizar a ação proposta que era acessar o aplicativo Google Earth.

Eu, a professora, estava falando sobre o aplicativo com as crianças durante uma semana inteira, levei o meu tablet pessoal e mostrei o aplicativo para as crianças, mas a imagem no tablet é pequena para apresentar para a turma em sala de aula por isso pensei e planejei em apresentar na televisão da escola, na sala de vídeo. Foi assim que surgiu a ideia de fazer a atividade com a turma na sala de vídeo do Ciep 220.

A primeira iniciativa não deu certo porque a televisão não estava com acesso ao aplicativo apesar de existir o acesso de internet na televisão, não consegui acessar o aplicativo nem pelo site nem baixar o aplicativo na televisão da escola porque ela não tem essa possibilidade e, portanto, eu não consegui fazer a aula proposta. Para amenizar a frustração passei um filme infantil da Netflix porque isso era possível naquele momento, porém o meu objetivo eu não consegui alcançar neste dia. Apesar da frustração eu não desisti de fazer a tarefa com as crianças, então solicitei um novo agendamento para uma nova data na sala de vídeo da escola.

Na data planejada, no dia 26 de junho de 2023, fizemos a nossa rotina inicial de sempre. Dessa vez eu levei o meu notebook particular, o meu cabo de hdmi, adaptador e celular com minha internet disponível caso a internet da escola não fosse possível de acessar. Então, fomos para a sala de vídeo onde eu fiz a conexão do meu notebook com o a televisão por cabo hdmi e utilizei a minha própria internet pois dessa vez a internet da escola não estava funcionando na televisão. E por fim nós conseguimos acessar o aplicativo Google Earth.

As crianças comemoraram o sucesso em acessar o aplicativo e finalmente nós conseguimos visualizar o app tão falado em sala de aula. Todas as crianças ficaram impressionadas quando eu mostrei no aplicativo a Terra, o planeta em que vivemos, e elas identificaram facilmente a Terra, suas falas foram: “Professora é a Terra!”; “A Terra é o planeta da gente.”; “O que é isso, as cores, azul, verde?”; “É a água que é o azul e a terra é o verde.”. Por fim, pediram para ver a África, eu sugeri o Brasil, eles concordaram, então disseram: “Tia, eu quero ver a escola!”. Então eu digitei no espaço onde o app oferece a possibilidades de indicar o endereço que queremos visualizar, primeiro digitei África, e o app direcionou as imagens em direção ao continente africano. Depois digitei Brasil, conforme as crianças pediram, e novamente o app movimentou as imagens em direção ao Brasil.

Enquanto as crianças visualizavam as imagens procurei explicar que o aplicativo é construído com imagens, como fotos, dos lugares que se juntam e criam as imagens que estamos visualizando, que não são câmeras ao vivo, que não mostram em tempo real os locais que estamos vendo, pois as crianças costumam achar que as imagens são feitas em tempo real.

E por fim, digitei na pesquisa de endereços do app, o CIEP 220 Yolanda Borges, que indicou o endereço, e após eu selecionar, o app fez o movimento até chegar no bairro Figueira e telhado do Ciep 220. Então, continuei a atividade, ao digitar o endereço do Ciep 220 e o aplicativo realiza um movimento visual que traz uma sensação como se estivéssemos viajando o que é um dos encantamentos dos aplicativos e da internet, assim fomos encaminhados pelo aplicativo a visualização em 3D ao endereço do Ciep 220. A visão que o aplicativo nos apresenta é o bairro, as ruas, o quarteirão onde fica localizado o Ciep 220 e aos arredores do Ciep, os quarteirões que estão próximos, as ruas em volta do Ciep 220. As crianças reconheceram a localidade, o Ciep 220, as ruas. Expliquei que a visão que temos nesse momento pelo app é de cima para baixo, que as retas em tom cinza são as ruas, que estamos visualizando os telhados de casas e outras construções, e o Ciep 220. Disse a elas que nesse momento quando temos uma visão de cima para baixo, é como se a gente estivesse no alto olhando o prédio do Ciep lá embaixo, e assim temos a visão do telhado do prédio das salas do Ciep 220, do teto da quadra e o teto da biblioteca, o quintal do Ciep 220, com árvores, gramado, a cerca, o portão do Ciep 220 e a calçada por onde entramos e caminhamos do portão até o prédio da escola. No espaço da escola o que mais foi destaque da atenção das crianças foi a entrada da escola e o caminho da entrada até a escola, a calçada, por onde as crianças percorrem ao entrarem e saírem do Ciep 220.

Na atividade com o app Google Earth, as crianças da turma 101 observaram a dinâmica que o app oferece ao deslocar a visão de cima para baixo para visualizar pelo centro da rua em direção à frente do portão do ciep

220. As crianças ficam maravilhadas com a movimentação espacial que o app demonstra. Nesse momento, a aluna KY (06 anos) apontou onde fica a mãe dela, pois a sua mãe tem um trailer de doces e vende na calçada em frente à rua da escola. Observamos que a calçada e muro da construção em frente à escola tem cor diferente do tempo atual, confirmando para as crianças que a visualização das imagens não estão ao vivo, não são filmagens do tempo de agora.

Uma outra aluna disse que mora perto da escola e perguntou se poderíamos realizar o caminho que ela faz da escola até sua casa pelo app. Eu atendi seu pedido e experienciamos a atividade. A aluna KA foi falando: “vai para a frente, vira pra lá (e indicava com mão se virava à direita ou à esquerda). E eu fui acompanhando as orientações da aluna da turma 101, KA tem 06 anos, a menina observou que no trajeto das imagens do app existe um bar, porém esse bar das imagens do aplicativo não existe mais no local, atualmente há outro tipo de comércio, uma loja segundo a aluna. Durante a fala da aluna, as outras crianças foram se pronunciando, reconhecendo a rua, as construções, dizendo que suas casas estariam próximas do caminho que KA indicava, algumas falas de outras crianças: “se for para este lado aqui, é a rua da minha casa”; “a minha casa fica nesse beco”; “nesse beco fica a casa de SO”. Até o momento que o app reconfigurou a imagem e passamos a visualizar o bairro da Figueira (lugar onde está localizado o Ciep 220) visto do alto, de cima para baixo, as ruas, morros verdes sem construções, telhados de casas e demais construções distribuídas pelos quarteirões. Aqui, encerrei a execução do aplicativo, pois senti que havia alcançado o meu objetivo e finalidades principais ao apresentar o app para as crianças da turma 101.

Combinamos de voltar em outro dia e fazer a atividade com o app novamente, porque as crianças gostaram e pediram para ver mais lugares. Eu gostaria de ter gravado essa aula para mim e o ter registro filmado, mas eu tinha levado meu notebook, meu celular e para realizar a tarefa precisei dos dois equipamentos, o celular com a internet de minha linha telefônica deveria ficar próximo ao notebook para o app funcionar, e assim não foi possível filmar a aula.

Com essa experiência, destaco novamente a fala do autor Lopes (2009), *as crianças vivem o seu espaço em sua plenitude geográfica, estão presentes nas paisagens, deixando suas marcas, e constroem/ destroem suas formas, estabelecem lugares e territórios, vivem seus afetos, seus desejos, poderes, autorias e heteronomia*. Dentro desse contexto, a atividade realizada descortinou os pensamentos e formas geográficas que as crianças da turma 101 se relacionam, memorizam, direcionam, se movem pelos seus espaços dentro da escola, na rua, pelo lugar onde vivem.

Ao retornarmos para a sala de aula solicitei as crianças que expressassem seu próprio mapa com o caminho de casa até a escola. As crianças dialogaram em seus desenhos, cada um do seu jeito, fotografei seus desenhos, que estão guardados em arquivos, apresento alguns destes trabalhos na próxima sessão deste artigo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aplicativo Google Earth desenvolveu uma imagem nítida do espaço que estava endereçando durante essa aula. Lembrando que nem todos os espaços são acessíveis, geralmente dentro de comunidades não se tem acessibilidade a todos os lugares existentes e o aplicativo responde que não tem visualização acessível, então nem todos os espaços geográficos o app vai conseguir disponibilizar. Talvez pelo controle local territorial de facções e milícias, falta de instabilidade da internet, entre outros motivos.

Uma questão a elucidar é o acesso à internet pois esta não é acessível para todos. Nas escolas públicas que há acesso de internet na escola, raramente a internet escolar é disponibilizada ao aluno, a internet escolar existe para o funcionamento da secretaria da escola, da equipe de direção e nem sempre é disponibilizada a professores. Existem inúmeras questões que defendem esse tipo de prática, mas enfim a internet nem sempre é de fácil acesso e para que se realize esse tipo de atividade em sala de aula se faz necessário ter internet e equipamentos apropriados disponíveis ao uso de professores e alunos.

Na minha primeira tentativa de utilizar o app Google Earth com as crianças da turma 101, a escola tinha acesso à internet, já na segunda vez a internet da escola não estava funcionando naquela televisão. Portanto, fica a pergunta: vai ser de responsabilidade única do professor sempre ter a internet e os próprios equipamentos para disponibilizar em suas aulas de geografia? Esse trabalho na turma demonstra que o ensinar Geografia é dispendioso, é caro, é trabalhoso e necessita de equipamentos e quem vai sustentar esse tipo de prática, esse

tipo de aula, esse tipo de educação?

Minhas críticas destacadas neste relato estão próximas da autora TONETTO (2022) com o texto *TECNOLOGIA É GAMBIARRA*. Fazendo uma associação com o texto da autora então: a aula de Geografia de forma significativa, quando se retrata de construção da ideia de uma alfabetização cartográfica, quando se trata da ideia da construção de mapas, essa Geografia está sendo gambiarra? Porque vai ter que precisar que o professor tenha e queira usar o seu notebook, que o professor tenha tablet, internet, celular, internet para disponibilizar para sua aula com seus alunos em suas turmas em suas escolas de rede pública! Porque a carência existe e para que os professores façam aulas interessantes e significativas se faz necessário o uso de equipamentos e recursos próprios!

Uma vez que no atual momento eu tinha tais recursos pessoais, eu quis utilizá-los na minha sala de aula na rede pública. E assim, esta foi uma das aulas que planejei e que consegui realizar. A partir dessa atividade, as crianças me inspiraram a algumas ideias para a pesquisa que estou em desenvolvimento. Esta atividade permitiu o acréscimo que eu estou buscando porque é uma forma de realçar o quanto as crianças têm de conhecimentos geográficos vivenciados em seus cotidianos, em relação ao trajeto que fazem de casa até a escola, as formas de leituras que fazem em mapas do app que foi apresentado a elas, como se localizam no mapa 3D que representa o espaço que elas circulam. Elas conseguem se localizar, indicar caminhos, apontar e reconhecer o lugar e os elementos existentes nos caminhos, identificam os elementos que foram modificados no espaço dos caminhos que elas circulam no dia a dia.

Assim como os estudos de Lopes (2008), defendo que *as crianças se desenvolvem a partir de vivências significativas*. Massey (2008) menciona *o espaço como a esfera da multiplicidade*. E assim as crianças em suas falas, em seus desenhos enquanto expressam as suas especialidades, do seu lugar no mundo, nos demonstram suas formas de entender, criar e ressignificar o espaço por onde se deslocam no seu trajeto de casa/ escola. Alguns desenhos/ registros através dos quais as crianças se expressam pelo imensurável universo geográfico infantil da turma 101:



Figura 1 - Fonte: Fotografia da autora (2023)



Figura 2 - Fonte: Fotografia da autora (2023)

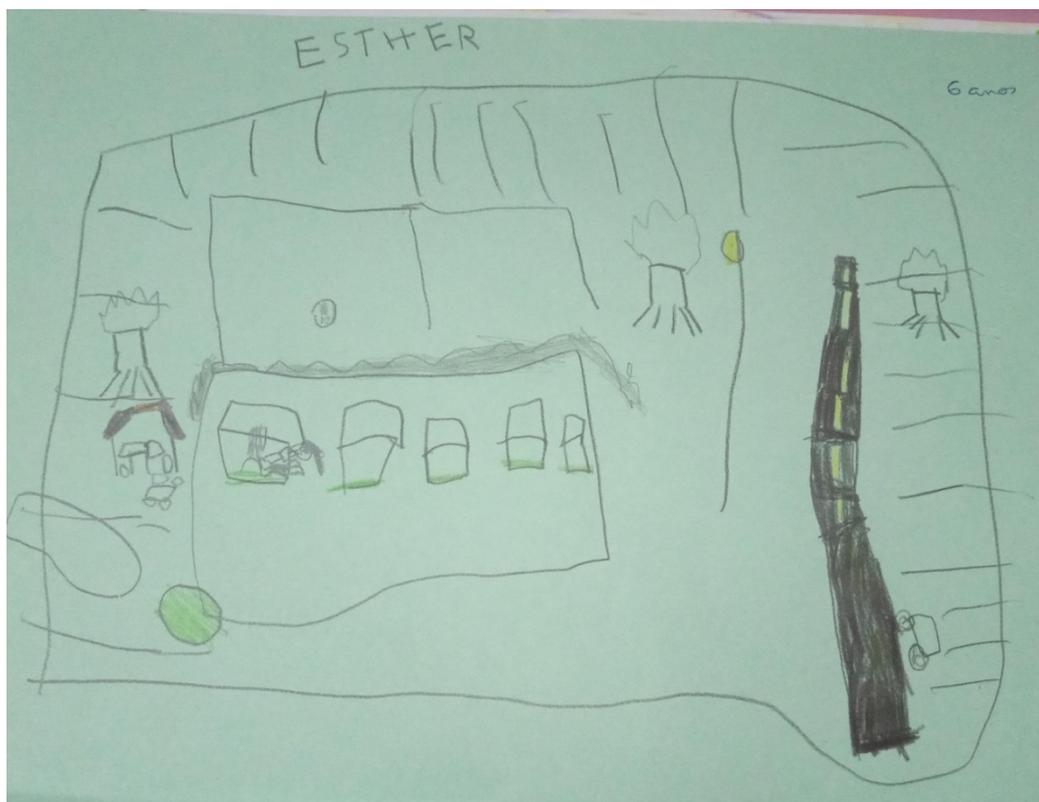


Figura 3 - Fonte: Fotografia da autora (2023)



Figura 4 - Fonte: Fotografia da autora (2023)

Essa experiência foi muito importante, porque realçou o que a prática confirma, que sim existem conhecimentos geográficos no universo infantil das crianças de seis e sete anos, que estão em fase de alfabetização. Essas crianças ainda não são alfabetizadas na língua materna, ainda não têm o domínio do código alfabético estabelecido socialmente para leitura e escrita do nosso idioma, alguns trocam as letras da posição do nome delas porque ainda não se apropriou da grafia das letras do nome e do alfabeto, de memorizar a posição das letras. Essas crianças ainda não são leitoras do idioma, elas estão em fase de alfabetização, mas elas são capazes de conhecer e indicar o trajeto que elas fazem, identificam os elementos presentes no seu espaço por onde circulam e os elementos modificados nestes.

A questão que me comove e me impulsiona a escrever se relaciona com o ensinar a geografia na escola básica desde o fundamental I, incluindo a fase de alfabetização das crianças, por uma geografia significativa, para ser utilizada no cotidiano e pela vida. E como a escola pode reconhecer essa propriedade da geografia no pensamento das crianças? Como a escola pode trabalhar esses conhecimentos geográficos? Como os professores podem trabalhar essas habilidades, essas formas de ver o mundo geograficamente pelas crianças? Como identificar atributos do pensar quando se trata do ensino de Geografia, uma Geografia enquanto prática da vida, do cotidiano que se utiliza de conhecimentos geográficos? As crianças se utilizam desses conhecimentos da Geografia demonstrados na atividade de uma forma muito espontânea, natural, sem que tenha um professor ensinado o conteúdo anteriormente para que elas consigam entender e utilizar a geografia em suas vidas. E como a escola poderá identificar e valorizar esses conhecimentos voltados para a geografia afim de ensinar a partir da geografia? Estas são algumas perguntas que tenho pensado para formalizar e encaminhar a minha pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES

Através do presente artigo, manifesto a importância de invocar pelas possibilidades de falar sobre o ensino da geografia, da necessidade que temos para trabalharmos com uma geografia significativa nas escolas, e as dificuldades para realizar, de acessar as tecnologias como recursos que auxiliam no ensino da geografia escolar. Reconheço que existe toda uma crítica em relação a plataformas e aplicativos como recursos educativos das grandes empresas voltadas ao mercado da educação, pois muitas dessas grandes empresas funcionam em função de lucro e do capitalismo. Nós conhecemos esse discurso, entre muitas dessas grandes empresas há as que não têm nenhuma preocupação com a vida da Terra, com a vida humana, com a vida vegetal, com a vida animal, com a vida marinha, com o ar que respiramos. Refiro-me a grandes empresas multinacionais que funcionam pelo lucro do capital exclusivamente sem se preocupar com os danos causados contra a vida. Porém, as tecnologias, plataformas e aplicativos educacionais estão aí presentes na sociedade, todos têm acesso a estes, os nossos alunos estão se utilizando de tais tecnologias de alguma forma. Nós, professores de geografia estamos inseridos nesse contexto e a nossa função continuará sendo a de trabalhar a crítica dentro do que nos é possível nos espaços que nos permitem.

Uma outra problemática que envolve o ensino da Geografia é que para trabalhar a plataforma com os alunos, como eu trabalhei o app Google Earth tive que complementar com os equipamentos e recursos necessários para a realização da aula. Para apresentar e encontrar o meu objetivo, encontrar na fala das crianças os conhecimentos que elas trazem, que é natural delas porque elas vivenciam todos os dias, a relação com a espacialidade que as crianças têm com o mundo, se fez necessário utilizar de recursos próprios, o que não é a prática educativa que desejamos. Mas, enfim foi nesse formato que eu consegui com uma atividade ter a oportunidade de olhar, perceber com clareza e compartilhar desse momento junto com as crianças para descrever aqui, nesse texto.

Queria ter gravado, mas eu não consegui. Foi uma das possibilidades de fazer a sondagem dessas referências que as crianças em processo de alfabetização da língua materna têm com a Geografia, o quanto nelas existem a presença de uma Geografia viva neste universo infantil. A leitura e a apropriação de conhecimentos relacionados a mapeamento, a cartografia, de localização, como as crianças se locomovem, se localizam no espaço que elas circulam, do lugar delas, o observar, reconhecer e descrever o lugar que elas estão inseridas, são particularidades latentes nas crianças da turma 101. Essa redescoberta que não é algo novo de se falar, pelo contrário trata-se de um discurso presente, é uma abordagem que eu quero utilizar para reivindicar e defender o ensino da Geografia inclusive com essas crianças que ainda estão na fase de alfabetização porque dentro do universo das crianças existem conhecimentos pertinentes da geografia que elas sabem, que elas conhecem e utilizam.

E por último, e é a questão da utilização das tecnologias, quando eu utilizei o app Google Earth com as crianças foi preciso ter uma televisão de grandes polegadas para elas visualizarem as imagens porque elas são pequenas e naquele momento não seria útil um tablet na mão de cada um. O mais viável era que elas visualizassem as imagens comigo manuseando o aplicativo enquanto indicava os endereços. E o principal endereço para elas nesse caso é a própria escola por ser o lugar comum a todas as crianças dessa turma. Para mim que sou a professora da turma, tudo é novidade pois eu não conheço o local delas, eu não sou moradora da região onde a escola está inserida, pois moro em outra cidade, o lugar delas é um espaço de aprendizagem para mim. Acessar o Google Earth requer ter equipamentos, alguns a escola tem, outros eu trouxe, a internet tem dia que está funcionando tem dia que não. Para que se tenha esse tipo de aula que seja significativa e agradável, uma aula de descoberta de conhecimentos, trabalhando e valorizando os conhecimentos das crianças, precisaremos de quem vai ofertar e garantir que tenhamos os acessos necessários em escola pública. O governo vai garantir que tais recursos estejam disponíveis? O governo precisa investir na educação pública brasileira para que não tenha a necessidade do professor ter e disponibilizar dos equipamentos e recursos próprios. O professor necessita ter um espaço na escola, uma sala para levar o aluno e ali demonstrar no equipamento da escola, o aplicativo e desenvolver com os alunos, as habilidades que são campos de saberes da Geografia com todos os equipamentos pertencentes à escola pública.

O ensino da Geografia envolve muitas questões e o professor não pode assumir todos os compromissos sozinho, o professor é uma parte integrante da educação que trabalha, assume muitas funções, disponibiliza

e compartilha ideias, mas o professor não consegue resolver todos os problemas sozinho na sala de aula com seus alunos.

E finalizando, a partir dessas críticas como se conseguiria estabelecer aos nossos governos, que os nossos estados e prefeituras façam por onde garantir os acessos e os equipamentos necessários para que as aulas de Geografia sejam enriquecidas de ferramentas tecnológicas corriqueiramente? Não temos a resposta. Professora e Professor de Geografia defendem a existência e a permanência da Geografia, lutamos pela renovação do ensinar e do aprender a Geografia, discursamos que a Geografia é necessária e valorizamos a Geografia enquanto ciência pela vida, e ainda, tenho a ousadia de querer a presença de uma Geografia Significativa nas salas de aulas de nossas crianças, pela esperança de que a nossa ciência escolar geográfica esteja sendo ressignificada permanentemente em nossas escolas pelas redes de educação pública brasileira.

## REFERÊNCIAS

Canto, T. S. do. (2018). Os mapas e as tecnologias digitais: novos letramentos em pauta no ensino de Geografia. *Perspectiva*, 36(4), 1186–1197. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n4p1186>

Girardi, G.; Coelho, P. S. L. Mapeamento colaborativo com uso de tecnologias de informação e comunicação acessíveis: elementos para releituras e atualizações do “leitor crítico de mapas” e “mapeado consciente”. *Revista Ciência Geográfica - Bauru - XXV - Vol. XXV - (5): janeiro/dezembro - 2021*. Disponível em: [https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV\\_5/agb\\_xxv\\_5\\_web/agb\\_xxv\\_5-10.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV_5/agb_xxv_5_web/agb_xxv_5-10.pdf)

Lopes, Jader Janner. MELLO, Marisol Barenco de (Orgs.) “O JEITO QUE NÓS CRIANÇAS PENSAMOS SOBRE CERTAS COISAS”: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel. 2009.

Massey, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

Tonetto, É. P. Tecnologia é gambiarra. In: Aldo Gonçalves de Oliveira ... [et al.]. *Linguagens do desaprender: gestos intensivos e política dos afetos*. Porto Alegre, Evangraf, 2022. p. 31- 49.

Tonini, I. M. Tecnologia da Comunicação e Informação – TIC nas Geografias: para além da visão instrumental. *Revista Para Onde!?*, v. 10, n. 2, p. 118–124, 25 abr. 2018. <https://doi.org/10.22456/1982-0003.85803>